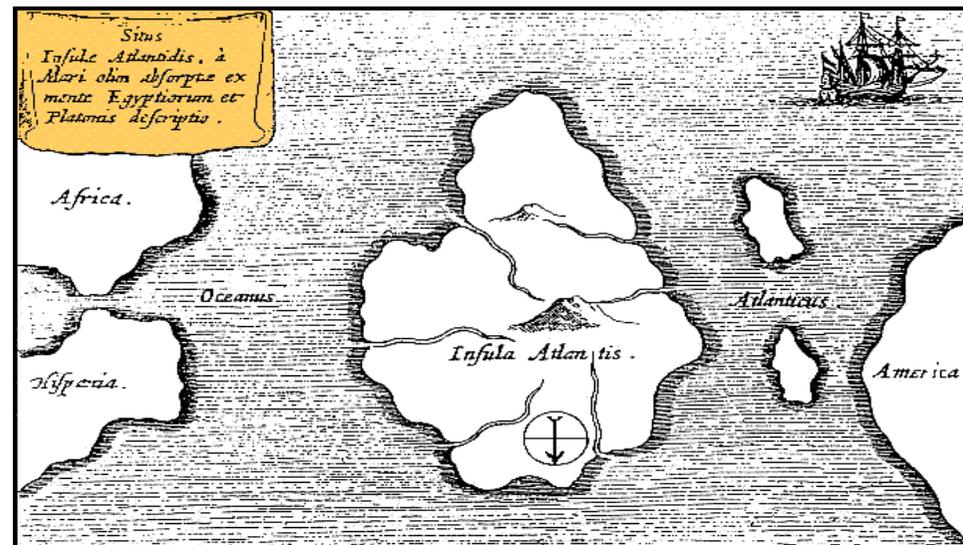


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº XX junho 2013

DEDICADO A JOANA FÉLIX



CADERNO Nº XX junho 2013

DEDICADO A JOANA FÉLIX

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

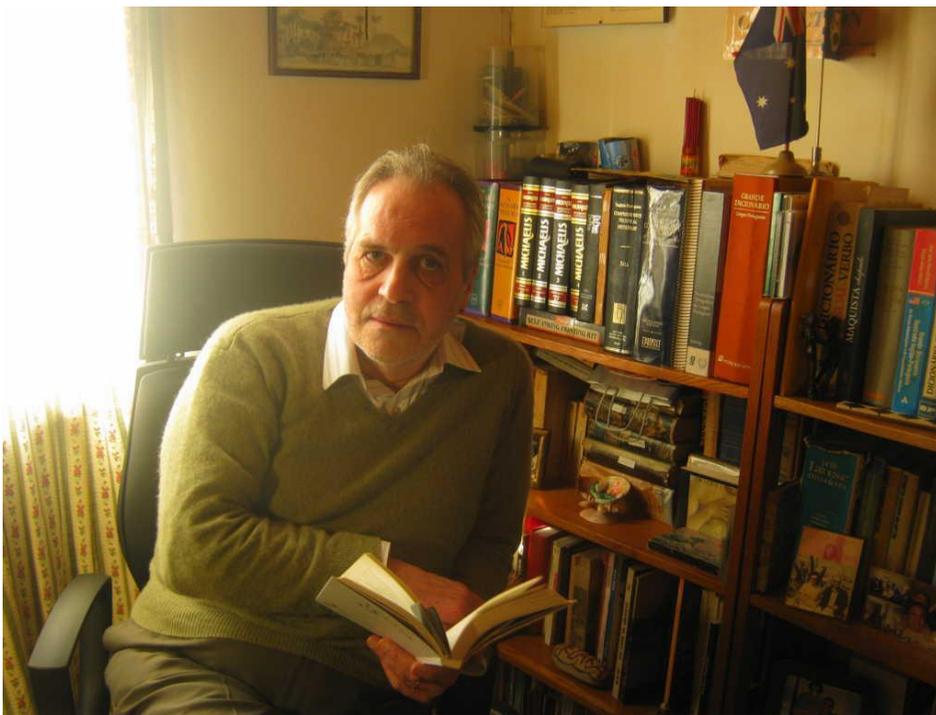


Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

- **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYPELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**. A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem**

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

² adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: **Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt, Norberto Ávila, Álamo de Oliveira e Eduardo Bettencourt Pinto**, além de nomes incontornáveis como, **Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Victor Rui Soares, José Martins Garcia e hoje JOANA FÉLIX.**



Da poesia desta jovem autora terceirense pode-se dizer como Mário Cesariny:

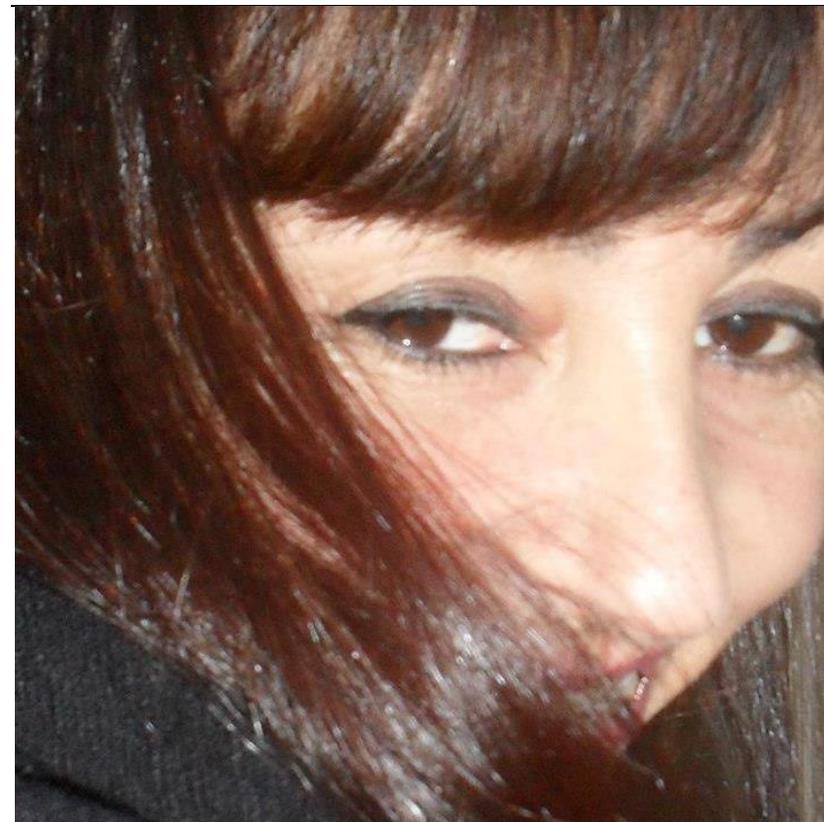
EM TODAS AS RUAS TE ENCONTRO

*Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar*

*que te atravessou a cintura
tanto tão perto tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura*

*Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco*

Mário Cesariny in “Pena Capital”



Joana Félix Lopes da Silva

Nasceu em 21 agosto 1965. Reside em Angra do Heroísmo

É filha de Emanuel Félix Lopes da Silva e de Filomena Fátima Teixeira Lopes.

Frequenta o curso de Licenciatura em Estudos Artísticos, Universidade Aberta

Desde muito nova, escreve poesia e contos, alguns dos quais publicados em jornais, pinta e desenha.

Tem-se dedicado a artesanato, Restauro de Cerâmica e pinturas de cavalete.

Colaborou com poemas e desenhos na imprensa local, nomeadamente nos jornais da Região, “ União” e “Diário Insular”.

Fez o Curso “Gravura”, orientado pelo Mestre Humberto Rui Marçal, em 16-11-1994, na Associação Cultural “Oficina D’Angra”.

Fez o Curso “História de Arte”, ministrado por Dr. Jorge Mouchagato, em 15-12-1997, Direção Regional da Cultura em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian.

Ficou em 1º lugar no concurso de banda desenhada da Radio Difusão Portuguesa, em 1985.

Participou na Exposição “10 Artistas de Angra” no Centro de Restauro de Obras de Arte dos Açores, organizada pela Direção Regional da Cultura, em 1990.

Participou no concurso e Exposição de Cartazes, nas Festas Sanjoaninas, organizado pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, em 1991.

Possui vários quadros e sobre vários temas no *website* www.dacores.com, desde 2004.

Participou com quadros na II e III edições de “Outono Vivo”, organizadas pela Câmara Municipal da Praia da Vitória, Em 2007 e 2008.

Participou com um quadro na Exposição Coletiva de pintura “Outono Vivo”, organizada pela Câmara Municipal da Praia da Vitória, em 2009.

Publicou o livro de poesia “Palavras Que Eu Disse”, publicado pela Chiado Editora, com o apoio da Direção Regional da Cultura, em julho de 2011.

Participou, na qualidade de orador, no XVII Colóquio da Lusofonia, promovido pela AICL – Associação dos Colóquios da Lusofonia, patrocinado pela Câmara Municipal da Lagoa, em março-abril de 2012.

Participou com um poema na Antologia de Poesia Contemporânea - vol. IV “Entre O Sono E O Sonho”, Seleção e organização de Gonçalo Nuno Martins – Publicação da Chiado Editora, em março de 2013.

Foi incluída na Antologia no feminino da AICL, “9 Ilhas, 9 Escritoras” de Helena Chrystello e Rosário Girão.

BIBLIOGRAFIA:

1. Félix. Joana. (2011). *Palavras que eu disse*. Chiado Ed. DREC
2. Félix. Joana. (2012). “Gaspar e o Félix, homenagem a meu pai”. 17º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores.
3. Félix. Joana (2013) in *Antologia de Poesia Contemporânea vol. 4. “Entre o sono e o sonho”*. Chiado Ed.
4. Félix. Joana. (2014) in *Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras*. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras
5. Félix. Joana. “Apresentação 9 ilhas 9 escritoras”. 21º *Colóquio da Lusofonia*. Moinhos de Porto Formoso. Açores.
6. Félix. Joana. (2014). *Escritos na tela* ed. www.poesiafaclube.com

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012





Aban nasceu na praia
num dia de sol.

Com búzios, fez a cidade
e aldeias com punhados de areia.

Vestiu-se de algas
para receber Iemanjá,
reinventou as trinta e oito
estrelas de Coppán.

Desenhou lingotes de cobre
e presas de marfim no areal da Namíbia

Passados cinco séculos foi levado
nos braços do Adamastor.

Dizem que adormeceu
na terra proibida e que a luz prateada, que pela manhã
cobre os mares calmos,
vem do seu colar de pedras preciosas.


Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direcção Regional da Cultura



Chiado Editora

Joana Félix

PALAVRAS QUE EU DISSE

*Um livro de poemas cheio de
histórias para contar*

Chiado Editora



1. POEMA ALEGRE

Quero um poema
alegre que traga
silêncio.

Quero um silêncio
Alegre que traga
Poesia.

Mas quero sobretudo
A alegria da poesia
no silêncio.

2. PALAVRAS

As palavras são
ramos de flores,
umas abertas,
outras fechadas
que quando juntas
formam belos quadros
coloridos.

3. LHANO

Sempre gostei
das coisas simples.
Gosto do mar,
admiro a terra,
não mato o outro
nem o que há em mim.
Admiro a forma
como colocas os pratos
na mesa,
o modo como pousas

a chávena no prato,
a mão que segura a flor.
E deixem-me com a efígie
que se despe do aluvião
inútil das palavras.



17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012



17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012





17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012



17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012





4. MAGANO

Podia dizer-te
que és uma lufada
de ar fresco,
que dá cor aos meus dias,
que me divertes
e por isso me fazes feliz.
Mas os homens não
entendem estas coisas
porque és apenas
um gato.

5. A LENDA DOS TRÊS RIOS

Diz a lenda
que o rio acordou tarde
cortou caminho cravando o seu leito
entre pedras e desfiladeiros
em direção ao mar.

E se a mãe pássaro
fez o seu ninho
foi numa fenda de rocha

E que agora, à noitinha
uma gaivota voa,
de norte a sul e de sul a norte
sobre o seu corpo
que já é um rio.

(para o Jorge Arruda
que partiu com 12 anos)

6. POESIA

A palavra
é insubstituível,
substancial.
É aquela só aquela.
e por mais que tentes,
nenhuma outra
se acomoda
ou cabe
ali no lugar dela.



7. VICIO

Perdi os meus olhos
quando encontrei os teus,
e só por isso, trago o amor
na palma da mão.
Pergunto-te,
como pode ao nascer
cegar-te a luz
de um sol tão grande,
mas não sabes
nem eu sei.



8. O BALEIRO (PARA LOURENÇO DA SILVA)

Naquele largo
que diziam
ser tão grande
quanto o oceano,
nasceu uma ilha azul.
O vento emergiu do Norte,
veio dos navios
e das névoas
e a lava esculpiu
o Penedo Negro.
A praga do oídio secou
as uvas e até os figos
com cheiro a mar,
repleto
de flores brancas.
Foi então que nasceu
o baleeiro
que veio
com as gaivotas
para ser capitão
das nuvens
no mar imenso
que é o céu
onde permanece
erguido
como o arpão.

9. PUDESSE EU

Se pudesse,
encontrá-lo-ia
na poesia Épica,
a que conta a história
das nove musas perdidas.
Seria filha de Zeus,

ou inspiradora dos
que se encontram
nas estrelas.

10. RUA DE CIMA

Quando me aproximei
encontrei-a resignada,
em cada sonho que partiu
regressara um lugar escuro.
Os cheiro,
os passos,
o tempo,
o silêncio
e a pausa
estavam dentro dela
e daquele mundo.
Fixava a janela
tão velha quanto ela
e os seus olhos
sem cor
tinham os sonhos
desarrumados.
Às vezes ainda
me aproximo-me
da janela que já é nova,
tem uma planta roxa.
Mas não a vejo
e não a voltarei a ver,
sentada na tarde
como antes.

11. MORTE

Sei que pensas na morte,
essa que te vai matando
sempre que a vês passar
perto da tua porta.

Ora tumultuosa,
dissimulada,
ora mansa e ligeira
como uma névoa frágil
que te pulsa o coração.
Dizes que a morte é efémera
e retorna
com mais vida,
convertida em semente
a germinar sempre que
passa por ti.

12. A NÊSPERA

Se por um lado
te vejo viscosa,
corada e madura
por outro pareces-me
azedada, rija e verde.
Prefiro aguardar que
sejas tu a chamar-me.

13. NOITE

Há um manto
que se chama escuridão
com lembranças
inexplicáveis
que nada tem a ver
com a lua branca
ou com o tempo,
só quando fazemos
dela bruxa mágica
por momentos.

14. NOVEMBRO

Hoje apetece-me
um poema,
que traga o sabor
do mel.

Apetece-me
um poema
que me aqueça
o corpo e a alma,
como este café
quente
que trago
entre os dedos
das mãos.

15. CONVENTO

A irmã Mercês.
A porta pesada
com fechadura negra
de ferro.
O cheiro a madeira
e o chão de pedra.
A casa das bonecas,
A sala do lanche
com cheiro a bolachas
e banana.
A árvore, junto ao muro
com gradeamentos
no pátio de relva.
Quando eu morrer
Procuram por ali
A minha alma,
porque deixei lá
um pouquinho de mim.

16. ORAÇÃO

Um dia,
deixo de te amar
e pronto.
Ah! , como anseio
esse dia em que
deixo de te amar
e pronto.
Peço, rezo, imploro,
para que não demores
a devolver-me o dia
em que
deixo de te amar
e pronto.

17. OS ANOS

Trazemos os anos
pela mão.
A cada um é dado
um tempo
em que surgem
as lembranças.
Crianças que sorriem
à volta da mesa,
frutos escassos
à mão
que não colhe.



18. ORION

Quando partiste
a noite vestiu-se
de negro
e foi deitar-se
atrás da lua.
Vieram as estrelas
desenhar constelações
no manto mais escuro
do céu
e nada,
mas nada mais
foi como antes.

19. AVÔ

Quando desceste
à terra, tinhas em ti
todo amor do mundo.
Mas os teus dedos
eram pássaros
já cansados de voar.



20. DESABONO

Creio saber,
que o medo
arruína os sonhos,
é como se a alma
se bastasse
da contemplação
dos que vivem muito
vivendo tão pouco.



21. DOMINGO

Acordo
com o sorriso
tatuado no sono.
Uma brecha de luz
vem pela janela
trazer-me o sol
ainda mandrião
que me acaricia
os cabelos.
Tento adormecer
embalada ao som
dos sinos
domingueiros.

22. RIXA

Como posso eu gostar
de rimas,
se escrevo

com o coração
e não com a cabeça...

23. AMIGA

Uma pequenina flor
plantada onde o vento
passa, se lhe levaram
perfume que não lhe
roubem a graça.

24. ANSEIO

Aguardo o dia
que tu inventas
como a lua
aguarda a noite
e bastariam palavras
poucas
para que o céu
se enchesse de estrelas.

25. ACASO

Aquela palavra
envelhecida
e gasta
julgo tê-la visto ao
fim da tarde.
Que luz suave a sua,
mal se via
e que estranha
e bela
ficava ela na poesia.

26. ACERTO

Não tenho medo
da felicidade,
nem dificuldade
em fazê-la.
Tristeza é para
quem a busca.

27. AGUARDO

Aguardo o dia
que tu inventas
como a noite
aguarda a lua.
e bastariam
palavras
poucas
para que o céu se
enchesse de estrelas.

28. INSÔNIA

Insônia é quando
a noite dorme
na minha mão,
e o céu
que estava longe,
vem ficar
junto da terra.

29. INTRÉPIDA

Ela sábia
não desistiu da glória.

Ela surgiu das pedras
da vitória.

30. FELICIDADE

Breve foi o tempo
em que o nascer do sol
pousou no corpo de
uma gaivota.

31. EXÍLIO

Vêm sonâmbulas
de olhos atados
na sombra dos segredos.
Voltam para parir
a agonia do abandono
na solidão.
Revém, como quimeras
evocando corpos
sem nada, que levitam
para o canil do diabo.

32. EXPETAR

A noite aguarda
o cais
para ancorar navios,
mas o mar não deixa
embalar os sonhos.
Termina tranquilo
para amanhecer
com o nascer do sol.

33. BILHETE

O teu sorriso é um poema
um poema e basta,
Não precisa de palavras.
Porém, se não existisse
seria eu a inventá-lo.

34. GRITO

Que o meu ar
renove .
Que o meu mar
rasgue.
Que o meu vento
estremeça.
Que o meu sol
queime.
E que o meu grito
invada a órbita.

35. HORIZONTE

O meu horizonte habita
no teu peito,
entre o longe e o perto,
e sinto,
em ondas de silêncio,
que vacilam os corpos
nos contornos do mar.

36. ILHA

Eis,
potência e grandeza
misturam
fogo e magma.
Ninguém sabe
quando mata,
é secreto o âmago.
Subimos
de vapores
montes e ilhas.
e eu vi-o descer
sobre nós
espalhando o orvalho.

37. LENDA DO MANEKI NEKO

Diz-se que tem nove vidas
que significam três vezes
a trindade

Colocaram-lhe a coleira
encarnada,
feita de hi-chiri-men

Também se diz que era
o gato Tama do sacerdote,

e que este lhe fez uma estátua,
amuleto da sorte.

38. MADRIGAL

Esta manhã
escondi-te
nos meus braços,
e deixei queimar
os corpos
contra o mar e a terra.

39. POEMA FACETO

Quero o poema
alegre
que traz o silêncio.

Quero o silêncio
Alegre
Que traz a poesia

Mas quero
Sobretudo
a alegria
da poesia no silêncio.

40. POEMA INVENTADO

Hoje
escrevia um poema
como gosto de escutar
ao fim da tarde
quando te sentas
ao meu lado
e comentamos as notícias.
Escrevia hoje
um poema com música,
que trouxesse o sol
e notícias inventadas
porque também hoje

se esgotaram
as palavras.



41. QUIETUDE

Já não tenho tempo
para tristezas,
fiz as contas
e tenho a agenda
cheia de sorrisos !

42. SILÊNCIO

É em silêncio
que os deuses
nos ensinam a crescer.

É também em silêncio
que ouvimos
a imensidão do mar
em seus olhos cansados.

E sinto-me
Silenciosamente
mais segura,
confiante , feliz
porque aprendi
a ouvir
os conselhos dos deuses

em silêncio.

43. VAGIDO

Mudamos a pele
antes usada,
rasgamos o céu,
cobrimo-nos de terra,
descemos no odor da carne.





PINTURA DE TOMAZ BORBA VIEIRA OFERECIDA A JOANA FÉLIX AQUANDO DO 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2012 NA LAGOA



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



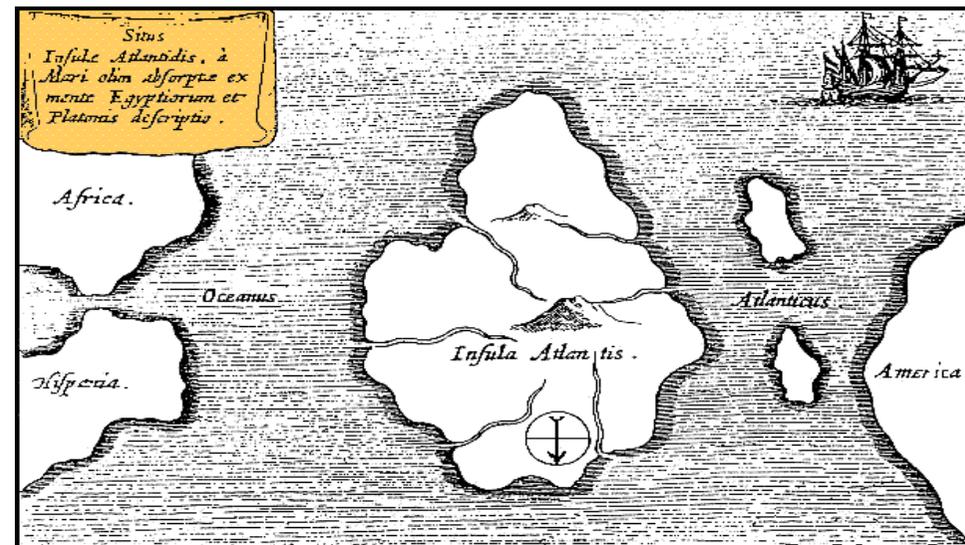
21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº XX junho 2013
DEDICADO A JOANA FÉLIX



CADERNO Nº XX junho 2013

DEDICADO A JOANA FÉLIX

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia
Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

- **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115